

Fragmentos de Escrevivência nas Poesias de Jovens Secundaristas



Autor¹
Autor²
Autor³

Resumo

As experiências das juventudes de territórios atravessados pela desigualdade social convocam a poesia como artefato para imaginar outros modos possíveis de existência no mundo. O objetivo do artigo é investigar a manifestação cultural das juventudes a partir de articulações entre a noção de Escrevivência, de Conceição Evaristo, e trechos das poesias produzidas por secundaristas de uma escola pública em São Vicente/SP, publicadas no livro *“Poesias Diversas - 2019”*. Trata-se de contemplar a ideia de arte ampliada como ponto de ancoragem e a possibilidade de ficcionalizar de modo crítico lugares reservados às mulheres e aos jovens na estrutura social.

Palavras-chave: Arte, Juventude, Escrevivência, Poemas.

Abstract

The youth experiences from territories crossed by social inequality summon up the poetry as an artifact to imagine others ways of existence considering their experiences. The objective of this article is to investigate the cultural manifestation of youth from joints between *Escrevivência* of Conceição Evaristo and stretches of poetry produced by high school students from a public school in São Vicente/SP published in the book *“Poesias Diversas -2019”*. About this, there are contemplated notions of expanded art as anchoring

¹ Autor

² Autor

³ Autor

point and the possibility of fictionalization in a critical way about places reserved to women and youth in the social structure.

Keywords: Art; Youth; Escrivência; Poetry.

Introdução

É possível compreender a arte em sua dimensão ampliada, como aquela que abarca o território, fortalece reflexões sobre as questões sociais em suas protagonistas, instiga ao pensamento crítico e propicia condições de enfrentamento às configurações estruturais da desigualdade social brasileira. Há uma população específica que produz arte no território e se refere à cultura Hip-Hop por meio de um de seus elementos, o RAP; esse que - em seus ritmos e poesias - tem enfrentado e denunciado a dimensão sociopolítica do sofrimento (ROSA, 2016, p. 99; IMBRIZI et al., 2019, p. 168) das juventudes. É a partir das mais diversas formas de manifestações artísticas, que novas percepções sociais sobre as juventudes podem emergir, instalando para elas o lugar de interventoras criativas e conscientes que por meio de artefatos artísticos, políticos e culturais visam a transformação social. O caráter político da arte pode encorajar a criação de estratégias de enfrentamento e refletir em modos de ocupação do espaço público. Nesse sentido, as juventudes constroem participação política no território a partir de suas próprias demandas, e disso, se fortalecem para enfrentar desafios, principalmente em um contexto político regido pela violação dos seus direitos sociais. Essa concepção de manifestação artística das juventudes, atrelada aos aspectos políticos e sociais, desencadeia a importância de refletir sobre a arte como ponto de ancoragem (BROIDE, 2006, p. 118; IMBRIZI et al, 2019, p. 169) da qual contribui para a resistência aos modos de vida que estão sendo impostos aos jovens. O objetivo deste artigo é investigar a manifestação cultural das juventudes a partir de articulações entre a noção de Escrivência, de Conceição Evaristo, e trechos das poesias produzidas por secundaristas de uma escola pública de São Vicente, no litoral de São Paulo, publicadas no livro *“Poesias Diversas - 2019”*.

1. Juventudes e Território

Existem juventudes, no plural. Essa terminologia considera os marcadores sociais da diferença (BATISTA; PEREZ, 2016, p. 26) - como classe social, raça, gênero, região de moradia e orientação sexual - em um país tão desigual como o Brasil, que proporciona diferentes oportunidades para os cidadãos. A *Interseccionalidade* é uma ferramenta que permite perceber a confluência de tais marcadores (CRENSHAW, 2002 citada por SILVA e MESQUITA, 2020, p. 341), sendo importante para explicitar aqui os diferentes modos de exercer a cidadania e as ações políticas das juventudes em seus territórios.

Sobre articulações políticas e de cidadania das juventudes, temos como exemplo, os estudantes secundaristas da classe média na cidade de São Paulo/SP, que se valeram da estratégia de ocupar as escolas públicas como resistência à ação unilateral do Estado, a qual se pretendia realizar uma reestruturação da rede de ensino, de modo a resultar no fechamento de 94 escolas no ano de 2015. Os estudantes paulistas conseguiram barrar tal medida nas instituições escolares se utilizando de arte, cultura e política, o que foi chamado até de “Primavera Secundarista” (TAVOLARI et al., 2018, p. 291-294). Sabendo disso, o coletivo de arte e educação Grupo Contrafilé, além de apoiar as ocupações, contou a história do movimento no livro “*A Batalha do Vivo: Secundaristas de luta e Amigos*” criado para a ocasião da exposição denominada *Playgrounds 2016*, realizada no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Neste livro, algo que salta a atenção dos leitores é o artefato “Árvore-Escola”, que como diz o nome, se tratava de uma árvore localizada no pátio de uma das escolas ocupadas, na qual os estudantes se sentavam em volta para discussões críticas sobre poemas, danças, músicas e os demais signos artísticos-culturais. O lugar foi se transformando em um espaço comum e acolhedor a fim de proporcionar experiências significativas no questionamento das narrativas normativas e hegemônicas. Assim, as juventudes assumiram seus protagonismos ao narrarem suas experiências por meio dessas manifestações culturais, incluindo aspectos sociopolíticos de sua época e o seu direito à cidadania (CONTRAFILÉ, 2016, p. 12-30). Nesse sentido, as ocupações se aproximaram da arte ampliada como artefato político capaz de produzir nas juventudes a astúcia da crítica e do questionamento às formas violentas com as quais as estruturas sociais e as relações de poder atuam na sociedade contemporânea brasileira.

A questão para a reflexão é: podem assim todas as juventudes confrontar politicamente as estruturas sociais? Há uma juventude que sofre com o risco de vida em seu cotidiano, como demonstra o *Atlas da violência*, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2020, p. 20): 53,3% das pessoas assassinadas no Brasil são jovens, de territórios periféricos, sendo que entre as taxas de homicídios, a de negros é 2,5 vezes superior à de não negros. Além disso, as taxas de violência contra a mulher seguem também a mesma configuração social e racial (IPEA, 2020, p. 20). Visto isso, quais artefatos artísticos estariam sendo criados pela juventude em risco de vida nos contextos urbanos?

A despeito dessa triste realidade, é importante compreender as ameaças e barreiras sociais que há ante ao exercício crítico e político para a juventude pobre, negra e que vive nos bolsões de pobreza sob a ameaça policial. Ainda cabe ressaltar o marcador de gênero, pois as experiências de violência direcionadas à população feminina, em geral, são encobertas pela família e pelos muros das casas. Muitas dessas meninas são responsáveis pelas tarefas de cuidado das casas e dos seus irmãos mais novos, algumas sofrem violência sexual ou agressões físicas dentro do domicílio, cujo algoz, muitas das vezes, é um dos componentes da família. Como pontua Djamila Ribeiro (2018, p. 83), muitas feministas negras discutem pontos primordiais para a sobrevivência das mulheres, sendo, a quebra do silêncio diante das violências, pois, esse silenciamento mantém velado que 68% das mulheres assassinadas no Brasil são negras (IPEA, 2020, p. 34).

Olhar para essas jovens no ensino médio, é compreendê-las também, como estudantes de escolas públicas que enfrentam dilemas como por exemplo, a necessidade de inserir-se em alguma atividade de trabalho remunerado formal ou informal, muitas vezes, em detrimento do estudo. Então, para as secundaristas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, enfrentar a pouca infraestrutura da escola pública, do bairro e da mobilidade urbana, assim como, o risco da evasão escolar, ter que trabalhar e estudar e, em muitos casos ser surpreendida por uma gravidez precoce, são barreiras que impedem a ampliação do seu repertório cultural, uma formação de seu interesse e assim, o alcance de uma atividade digna e bem remunerada no mercado de trabalho, por exemplo.

O “*Leopoldo*”, como é apelidada a escola onde surge o livro que será apresentado neste artigo, está inserido em um território populoso e de acentuado contraste social. De modo que, notoriamente, a parte próxima à região central aparenta uma boa infraestrutura.

Porém, ao se adentrar em direção à Avenida Marginal Rio da Avó, encontra-se a maior porção do bairro em dimensão precária e à margem da cidade. Então, devido à proximidade com a região central, estudantes de outros bairros periféricos, se matriculam nas escolas deste território, acirrando tensões sobre o transitar de jovens de outros locais em um espaço urbano contraditório e assim, instigando preconceitos sociais. Ou seja, como se a presença desses jovens ameaçasse a segurança do bairro, sendo então, mais uma vivência de constrangimento e humilhação social (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 52) no simples ato de acessar seus direitos à educação e à cidade.

Ainda que em condições inadequadas, essas juventudes produzem ações artístico-culturais atreladas aos aspectos sociopolíticos de suas vidas nas escolas públicas do ensino médio. Entre elas, está a criação do livro *“Poesias Diversas / 2019”* na Escola Estadual Leopoldo José de Sant’ana na cidade de São Vicente/SP. Já na introdução do livro, identifica-se que a ideia de organizá-lo, surge por intermédio das professoras Maria Luiza e Maria Aparecida, pois ao tomarem conhecimento dos poemas que eram produzidos espontaneamente por esses jovens, notaram a potente presença de ideias, sentimentos e críticas sociais dos estudantes que, por vezes, não aparecem nas falas cotidianas deles. Nesse sentido, é possível considerar a poesia como artefato para romper o silenciamento das violências cotidianas.

Portanto, trata-se aqui de analisar o material produzido apenas pelas poetisas com a intenção de dar enfoque ao protagonismo das mulheres negras em luta pela vida. Um bom exemplo de poetisa que criou uma escrita contra hegemônica é Conceição Evaristo. A escritora, doutora e ativista do movimento feminista negro desconstruiu o destino social reservado às mulheres pobres, muitas vezes, designadas ao trabalho doméstico perpetuado em gerações das mulheres como as de sua família. Tomando como referência as ideias de Evaristo, neste artigo, nós escolhemos apenas os escritos das meninas secundaristas, acessando fragmentos de escritas nessas poesias, enfatizando sua condição de mulher e negra, a fim de romper com o silêncio sobre a violação de direitos como prática política nos territórios, instituições e locais sociais. (GONZALEZ, 1988, p. 69; EVARISTO, 2006, p. 15; RIBEIRO, 2018, p. 36).

■ A Escrita que articula Arte e Experiência: As Escrevivências

Schittino (2012, p. 40) traz as críticas à arte como entretenimento a partir de Hannah Arendt em seu estudo sobre a escrita da experiência. A autora alerta para os riscos de viver a vida sem significado e assim, reforçar uma passividade vinculada à submissão, situando a pessoa como apenas espectadora da própria vida. Dessa forma, a arte como entretenimento coloca a experiência social como vivência apenas de modo particularizado e “*sem levar a vida muito a sério*”, ao invés de, pautar como as vidas são afetadas pela ordem social e despertar subjetividades para se posicionar em busca de reconhecimento e legitimidade como cidadãos, podendo intervir no campo social.

Para pensar a arte que pauta a experiência social de jovens, Diógenes e Barbosa (2020, p. 4) compreendem as juventudes como produtoras culturais a partir de: 1) relações sociais em seu contexto e trajetória e 2) suas concepções sobre a vida. E então, os autores afirmam que as juventudes desenvolvem estratégias politicamente criativas atreladas à experiência e as manifestam por meio de expressões artísticas, agindo assim, em prol de uma perspectiva histórica e da criação de um patrimônio cultural para si e para seu território.

No texto “Notas da Literatura I”, Adorno (1974) reflete sobre os aspectos cultural e político da expressão artística para indagar acerca do comprometimento da arte em colocar à prova o teor social e assim, capturar através de artefatos, o que da ordem social ainda se obedece e em que na arte já a supera (M.B., 2003, p. 66). E a partir disso, surge a seguinte questão: E o quê da ordem social a escrita que articula a arte e a experiência já supera? O quê poderia um texto poético em uma obra literária desobedecer do ordenamento social?

É relevante contextualizar sócio-historicamente essa ideia, incluir os cenários neoliberais atuais, e perceber seus efeitos em ações que esvaziam as artes e põem em declínio a própria experiência em favor de produzir e consumir. Dentre as atenções e tensões existenciais nas margens sociais, como aprender e apreender daquilo que se vive, mas que é posto de lado como sem significado e sem importância? (GAGNEBIN, 2006, p. 54).

Esses autores nos ajudam a pensar que as atividades com palavras não são mero falatório, pois são nos momentos nos quais a fala e escrita são possíveis que há a potência para

produzir sentidos: ao que somos, ao que nos acontece, ao como articulamos o que vemos com o que sentimos e nomeamos. E por essa razão que as disputas pelas palavras, a imposição de certos significados que podem produzir silenciamentos ou desusos fazem parte do nosso cotidiano e é importante que possamos redobrar a atenção a elas.

O termo *escrevivência* criado por Conceição Evaristo dá conta da valorização política das palavras em meio a tantas narrativas. As *escrevivências* caracterizam-se pelo protagonismo da voz feminina negra em narrar a experiência cotidiana da própria vida atrelada aos persistentes impactos da condição diaspórica africana no Brasil e seus desdobramentos estruturais (CRUZ, 2012, p. 2). Trata-se de um modo de escrever que tem por base as memórias ancestrais somadas às presentes vivências de resistência que desencadeiam interpretações críticas do “real” via ficção. A ideia é se apropriar da fala e do espaço social negado, a fim de escancarar as violências, sistematicamente, direcionadas às mulheres negras e indagar sobre o lugar delas na sociedade. Assim, Conceição afirma que não se escreve para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus adormecimentos injustos. Compreende-se que a ficcionalidade que a *escrevivência* oferta, faz-se valer no eu-lírico do poema, a sagrada esperança do poeta na qual falar é fazer:

E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas. Invento? (...) Afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (Evaristo, 2011, p. 15).

Paralelo a ideia deste trecho, Schittino (2012, p. 39) conta a história de Lessing, que refugia-se do mal estar do mundo no pensamento de outrem e fortalece-se. De modo que, encontrar refúgio na vivência do outro, significa que a poesia pode propiciar a construção de um espaço comum, seja físico ou simbólico, mas que seja para as pessoas se apresentarem umas às outras com suas ideias, ações, diferenças ou não. Tão importante quanto explicitar as ações que cooperam para construção das estruturas desiguais, é confrontar as ideias e os discursos que perpetuam as situações de violência e opressão na sociedade.

Para isso, podemos dizer que as *escrevivências* têm o sentido de amplificar os dizeres que estão na voz daqueles que são postos às margens sociais a fim de romper os silêncios, os

imaginários e os preconceitos que legitimam e naturalizam a estrutura desigual da sociedade.

É possível afirmar que há poesias orientadas pela ideia de *escrevivência*, sendo artefato político em prol da transformação social, presenciando em legitimidade espaços de fala a partir de seus vocabulários e discursos decoloniais, o intuito é produzir pertencimento, ao invés de “*autorização para falar*”.

■ A Arte Ampliada como Ponto de Ancoragem

Pensar a poesia a partir da arte ampliada é entendê-la como artefato cultural e político, o qual oportuniza que as juventudes possam encontrar-se um na poética de outrem, testemunhar e compartilhar da *escrevivência*. Esse encontro tem o potencial de despertar o reconhecimento de violações de direitos comuns entre as juventudes, e a partir disso, promover o fortalecimento das lutas coletivas de modo a provocar o enfrentamento das situações opressoras e criar ações que reverberam na sociedade. Importa ainda, ofertar outra perspectiva nas quais seja possível que essas criações poéticas confrontem discursos que desvalidam as pessoas, as vivências e as falas oriundas de territórios apartados.

Broide (2006, p. 169) afirma que as pesquisas sobre juventudes em situação de vulnerabilidade social, em geral, apontam para aquilo que falta no território e nas pessoas. No entanto, o psicanalista propõe mudar a percepção e os modos de intervir a partir do questionamento: “Como as pessoas em situações sociais críticas que passam por dificuldades e constrangimentos se mantêm vivas?”. Provavelmente, elas constroem laços com pessoas e artefatos diversos que atuam como pontos de ancoragem na vida.

Os pontos de ancoragem são fios invisíveis que ancoram e mantêm as pessoas enredadas na vida, o que nem sempre se apresenta de forma consciente aos sujeitos. Como exemplo, o autor cita as pessoas em situação de rua que têm a companhia de seus cachorros como ponto de ancoragem, em detrimento de familiares que cujas relações reproduzem violências. A partir desse ponto, será possível refletir sobre a arte enquanto ponto de ancoragem (IMBRIZI et. al, 2019, p. 168) na trajetória das jovens que convivem com

situações de risco de vida e com a violação de seus direitos sociais?

A nossa hipótese é a de que as manifestações culturais podem funcionar como acesso à potência política da arte cujos impactos viabilizam novos modos de existir e de ocupar o território. Portanto, entre as juventudes, é possível dizer que as manifestações culturais e artísticas são capazes de manter o laço com a criação e com as suas potências de vida. Assim, a arte pode ser um ponto de ancoragem que as mantêm vivas.

■ As poesias e as jovens.

O livro *“Poesias Diversas / 2019”* foi lido em sua totalidade e na segunda leitura foram destacadas ideias que faziam referências às palavras arte, juventude e território. Foram escolhidos os poemas assinados pelas poetisas, pois atentou-se para a tendência ao silenciamento das jovens e a importância do protagonismo em sua escrita. Dado que, foi possível notar que dos 125 poemas que compõem o livro, apenas 25 destes, são das poetisas.

Em geral, os 25 poemas lidos e estudados relatam as resistências à desigualdade de gênero que transmitem ao leitor, de forma velada, denúncias das situações de violência e violação de seus direitos. Dentre isso, as temáticas recorrentes são: 1) a efemeridade de apoio; 2) a prevalência da sensação de abandono e desamparo; 3) a falta de perspectiva; 4) a elaboração de constantes perdas; 5) o insucesso por causa própria; 6) a demanda por espaço público. Em sua maioria, as poesias apresentam uma compreensão individualista e culpabilizante, de maneira que as falas dos eu-líricos nos poemas são interiorizadas, demonstrando embates consigo mesmas ao abordar temáticas em um cenário de relacionamento afetivo.

Escolhidas as poesias das jovens, construiu-se uma tabela constando: nome das autoras, título da poesia, trechos e comentários sobre as temáticas. A partir disso, foram selecionadas três poesias que demonstraram articulações com as noções de escrevivência e de arte como ponto de ancoragem na vida das juventudes. As análises constituíram-se por alguns balizadores: *“quais aspectos demonstram a poesia costurada em seu contexto”*; *“o território poético como território de liberdade”*; *“a poesia que inaugura possibilidades e demonstra pensamento*

crítico”.

O livro tem início com os depoimentos estudantis sobre a experiência de publicar suas poesias. Na maioria dos relatos, é recorrente a narrativa sobre como elas encontraram na escrita poética um espaço de acolhida para expressar aquilo que as poetisas consideram importante deixar como mensagem à outrem. O trecho abaixo demonstra isso: “*E saber que outras pessoas vão ler minhas palavras e se encaixarem em meu lugar, me provoca uma sensação difícil de nomear, mas é bom com certeza. P.H. (DIVERSAS, 2019, p. 4)*”.

O depoimento relata empatia, mas principalmente, a sensação de participação social em relevância e a oportunidade de convocar alguém para compartilhar o ponto de vista de sua experiência.

As poesias “*Guerreira*” da poetisa Bianca Alves de Almeida, “*Não é vitimização*” da poetisa Kaylane Ribeiro e “*Nunca mais aceitar*” da poetisa Hesther Santos, apresentam como temática central a condição da mulher jovem negra na sociedade.

Nas quatro linhas iniciais de “*Guerreira*” constam:

“ Acorda guerreira, se liga guerreira
A vida já começou há tempos
A escravidão foi banida, mas tu
continuas encarcerada”

Guerreira (1-4)

Bianca Alves de Almeida (DIVERSAS, 2019, p. 13)

Se a mulher é guerreira, em que guerra ela luta? Quais seriam os objetivos de sua luta? “*Guerreira*” é um dos adjetivos mais utilizados para eufemizar a situação de violência de gênero, em relação a sobrecarga da qual a mulher arca na busca por sobreviver e criar suas trajetórias que, quando não negadas, são inexistentes. Neste poema, a poetisa Bianca exerce a escrivência a partir do eu-lírico *Maria* e ficciona situações culturalmente recorrentes e comumente romantizadas mas que velam gravíssimas violências na condição social de ser mulher. Como aparece também em seu poema: ser julgada em seu território por chegar de madrugada, mesmo que seja do trabalho e receber valor como pessoa apenas ao negar a si em benefício de outros.

Dentre as inquietações que o poema produz ao denunciar a condição de mulher na sociedade, o verso “*A escravidão foi banida, mas tu/continuas encarcerada*” (3-4) (DIVERSAS, 2019, p. 12) nos provoca a perscrutar o porquê a escravidão segue no referencial que

sustenta a compreensão do modo de vida da mulher negra. Esse eufemismo é expressão do discurso que opera práticas de invisibilização, romantização e alienação da experiência da violência racial e de gênero e da violação de direitos direcionadas a essa população, realizando assim, a manutenção da estrutura racista e sexista de opressão, exploração e silenciamento.

De acordo com as autoras, Gomes e Oliveira (2019, p. 120), perceber-se como mulher é se dar conta de um estado de alienação ou de desapropriação subjetiva, o qual se expressa num corpo passível de pertencer ao outro (de ser violado) e numa força sempre sujeita a se converter em fraqueza por vivenciar violências de todo tipo. Ou seja, guerreira e forte para suportar estar submetida às opressões, mas fraca para se pôr em embate às estruturas sociais. Quem dera fosse em seus nos embates contra as estruturas de opressão no seu cotidiano que elas pudessem transmitir a ideia de um ser humano forte como uma guerreira. É então, que nos trechos de “*Não é Vitimização*” surge:

“Não é que eu quero me vitimizar
é que eu tenho medo de sair na rua
e nunca mais voltar

Não é que eu quero me vitimizar
é que eu tenho que pedir
para alguém me acompanhar
para não ser abusada

Não é que eu quero me vitimizar
é que eu tenho medo
disso tudo nunca acabar.”
Não é vitimização (5-7 /8-11/ 16-18)
Kaylane Ribeiro (DIVERSAS, 2019, p. 68)

O poema “*Não é vitimização*” da poetisa Kaylane Ribeiro é intitulado com o verso que se repete iniciando todas as cinco estrofes do poema, e em seguida desse mote, a poetisa relata situações de estupro, assédio e feminicídio e evoca a perturbação relacionada ao medo, que pode se perpetuar, de usufruir dos espaços públicos. É pela própria vida que a mulher “*guerreira*” luta, então? E como se fortalecer nessa luta? A necessidade de repetir que não se trata de vitimização, enfatiza o quão desgastante é para a mulher pautar suas vivências diante da deslegitimação de seu discurso, e então, de sua existência. Nos remete pensar sobre o discurso que encobre essas violências presentes no cotidiano, pois ele

banaliza a dor, deslegitima as narrativas feministas, culpabiliza a própria mulher, inviabiliza as denúncias dessas vivências e incute silenciamento na fala sobre a experiência de ser mulher. O poema passa a sensação de que ela “*precisa pedir licença para falar*”, ao ter que repetir que “*não é vitimização*”, já se defendendo antes do ataque discursivo que a revitimiza perante as violências vividas, o que demonstra um *não-lugar* para a fala da mulher, sendo então, o poema um espaço para a expressão de si por meio do exercício do eu-lírico.

A despeito disso que torna-se relevante compreender que as manifestações culturais juvenis denunciam opressões, mesmo que o espaço encontrado tenha sido nas poesias, mas que demonstram o fato comprovado no *Atlas da Violência* (2020) de que a violência e a desigualdade social brasileira têm alvo certo explicitado nos recortes de cor, raça e gênero. Vejamos nos trechos de “*Nunca mais Aceitar*”:

“Mulher, eu te apoio
 Seja lá no que for
 O poder é todo seu
 Imponha sua opinião
 Se você não fala hoje
 Falará quando então?
 Não se deixe humilhar
 “Estranha”, “feia” ou “gorda”
 Nós não iremos mais aceitar”
Nunca mais aceitar (3-8 / 22-24)
 Hesther Santos (DIVERSAS, 2019, p. 47)

Cabe ressaltar ainda, que as juventudes oferecem indicações de suas ancoragens e resistências também nos poemas, ou seja, aquilo que com a arte e a poética podem acessar e romper, para então, pleitear seus direitos e defender a existência livre para as mulheres. A experiência de publicação do livro de poemas, por meio do apoio das professoras, proporcionou um território de expressividade seguro e pode configurar um canal de acesso ao cuidado para com essas pessoas em situações sociais críticas. Se a poética abre espaço para fluir a subjetividade, ela faz produzir na pessoa conscientização de si e compreensão de seu contexto. Ou seja, os jovens exercitaram a arte ampliada que pauta o confronto com as estruturas sociais - esses poemas demonstram um processo de desvelamento das violações e de conscientização da dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2015).

É possível afirmar que, no poema “*Guerreira*” demonstra-se como são as situações de exploração da mulher. A leitura dele promove um incômodo no leitor sobre a amenização de situações injustas, como quando o eu-lírico diz que Maria chegou de madrugada do trabalho, mas os vizinhos saíram falando que ela havia chegado “*de namorar*”. No entanto, na estrofe acima, nenhum dos vizinhos a vê como mãe solo de três filhos sem o marido, nem como uma mulher que acorda e corre para não perder o ônibus em seu ponto, mas no sentido de amenizar seus julgamentos morais então, mais uma vez, o olhar social a denomina “*guerreira*”.

O eu-lírico feminino denominado "Maria" surge no poema “*Guerreira*”, mas é também reconhecido nos poemas “*Não é vitimização*” e “*Nunca mais aceitar*”, permitindo que a escrevivência se realize, de modo que, a análise dos poemas aconteça por meio da criação ficcional que se baseia na realidade. Assim, a escrevivência conduz a imaginação de como se daria o percurso da conscientização das violências sofridas pelas mulheres desde a (des)romantização (Poema “*Guerreira*”), passando pelo pleitear a legitimidade de sua fala (Poema “*Não é vitimização*”), até o seu empoderamento numa luta coletiva (Poema “*Nunca mais aceitar*”).

É possível vislumbrar que a arte ampliada da juventude aqui apresentada pleiteia às Marias que falem por si e questionem o que é imposto às mulheres em determinados territórios. Portanto, o eu-lírico permite a narrativa de uma personagem real que vive naquela localidade. Ou seja, ele enuncia o quanto da pessoa ali está expresso, de modo que o sujeito é transposto no poema sendo, então, aquele que age na escrevivência realizando aquilo que na realidade a pessoa que escreve gostaria de agir. É apenas nos embates contra as estruturas de opressão no seu cotidiano que ele transmite a percepção de que a mulher é forte como uma guerreira. Ainda que a mulher seja contida pelas violências, há a possibilidade de ficcionar por meio de seu eu-lírico o ato mesmo de incorporar a guerreira que tem respeitada a legitimidade de contar de si sem amarras.

O poema na sua capacidade de expressão, reflexão e criação permite ampliar o repertório cultural das juventudes, a fim de proporcionar conscientização para as mulheres jovens, pois ser ensinada a lidar com violências cotidianas veladas como possibilidade de existir é limitador e a arte ampliada na escrita poética pode dar a ancoragem para um pensamento crítico que rompa com tal limitação e produza resistência em âmbitos individuais e coletivos.

É no espaço aberto entre a invenção e o fato que a escrevivência instiga a astúcia da imaginação política e a conquista de outros lugares sociais que estavam obstados às mulheres negras, por meio da escrita estratégica de contestação da sua condição supostamente fragilizada, ela carrega essa dimensão ética ao propiciar que as poetisas assumam o lugar de enunciação de um eu coletivo que evoca por meio de suas próprias experiências e referências de vida, a história de um eu coletivo e compartilhado (SOARES & MACHADO, 2017, p. 210).

Aproximar-se para ler as elaborações poéticas das juventudes tem a relevância de conhecer tendências culturais juvenis contemporâneas que visam a sensibilização social e o enfrentamento da exclusão em um país configurado por desigualdades sociais e raciais.

Conclusão

Neste artigo pudemos demonstrar que a manifestação artística das poetisas supera a noção de que territórios marcados pela violação de seus direitos, oferecem apenas debates sobre violência. Quando na realidade, seus saberes e sua produção de conhecimento abrem possibilidades de valorização de sua história pessoal atrelada às suas vivências no território. A escrevivência como estratégia politicamente criativa, permite que os sujeitos sociais, por meio de suas histórias coletivizadas pautem reconfigurações sociais, de modo a deixar fluir a subjetividade que outrora não teve espaço social, para então, compor construções políticas e públicas de contestação social.

Portanto é possível afirmar que o contato com a elaboração das poesias coloca a percepção de como a arte ampliada pode se transformar em ponto de ancoragem para a manutenção da vida de jovens, pois, um artefato político é aquele que enfatiza o comprometimento da manifestação cultural em atuar criticamente em prol de transformações sociais. Seja, ou despertando o sujeito social para sua configuração no coletivo, ou removendo-o do lugar de espectador da própria vida e alienado de seu campo comunitário. A ação da arte não se restringe à superação momentânea de determinada dificuldade, mas um caminho a ser trilhado pela via da construção de uma consciência crítica do indivíduo apontado na direção do coletivo.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. *Notas da Literatura I (1974)*. 34.ed. São Paulo: Duas Cidades, Tradução e adaptação de Jorge M. B. de Almeida. Domínio Público. 176 p. 2003..
- AMARAL, Mônica do. *O rap, o hip-hop e o funk: a "erótica" da arte juvenil invade a cena das escolas públicas nas metrópoles brasileiras*. *Psicol. USP, São Paulo*, v. 22, n. 3, p. 593-620, Set. 2011.
- BATISTA, Marcia Camila Araújo; PEREZ, Olívia Cristina. *Participação Política e Marcadores Sociais da Diferença: Reflexões sobre tema no campo da Ciência Política*. *Conexão Política, Teresina*, v. 5, n. 1, p. 23-34, jun. 2016
- BAROSSO, Luana. *(Po)éticas da escrevivência*. *Estudos da literatura brasileira contemporânea*, n. 51, p. 22-40. 2017.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. *Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro*, n. 19, p. 20-28, Apr. 2002.
- BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. *Poemas malungos – Cânticos irmãos / Maria da Conceição Evaristo de Brito*. – 2011. 172 f. Orientadora: Laura Padilha. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.
- BROIDE, Jorge. *A psicanálise nas situações sociais críticas: uma abordagem grupal à violência que abate a juventude das periferias*. Tese de Doutorado em Psicologia apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- CRUZ, Adélcio de Sousa. *Conceição Evaristo: insubmissas lágrimas de mulheres*. *Estud. Lit. Bras. Contemp., Brasília*, n. 39, p. 255-258, Jun 2012.
- DIÓGENES, Glória; PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Rasuras, ruídos e tensões no espaço público no Brasil: por onde anda a arte de rua brasileira?*. *Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 13, n. 3, p. 759-779, set. 2020.
- _____, *Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural*. São Paulo: Tv Brasil, Colorido. 52' min. (Youtube). 2017.
- EVARISTO, Conceição. *"Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória"*. *Releitura, Belo Horizonte*, n. 23, p. 1-17, 2008.
- FERREIRA, Amanda Crispim. *A memória em Poemas da recordação e outros movimentos, de Conceição Evaristo*. Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/ConceicaoCr02AmandaCrispim.pdf>. Acesso: 15 de maio de 2018.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar Escrever Esquecer*. pp. 41-57. 34. ed. São Paulo: Editora H34, 224 p., 2006.

GONÇALVES FILHO, José Moura. *Humilhação social - um problema político em psicologia*. *Psicol. USP* . vol.9, n.2, pp.11-67, 1998).

GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 92, n. 93, p. 69-82, (jan./jun.), 1988b.

_____, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da Violência*. Brasil: Ipea, 96 p., pp. 20-35. 2020.

IMBRIZI, Jaqueline Maria et al. *Cultura hip-hop e enfrentamento à violência: uma estratégia universitária extensionista*. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro , v. 31, n. spe, p. 166-172, dez. 2019.

"JUVENTUDE e Arte em Tempos de Pandemia". Produção de Eixo Trabalho em Saúde. Realização de Instituto Saúde e Sociedade - Unifesp. Baixada Santista, 2020. Disponível em: <https://tsmonitores.wixsite.com/meusite/pracas-virtuais-5/PRA%C3%87AS-VIRTUAIS>. Acesso em: 28 ago. 2020.

MALCHER, Monique; RIAL, Carmen Sílvia. "Quem tem medo do feminismo negro? A urgência do debate racial no Brasil.". *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 3, 148 p., 2019

OLIVEIRA, Andréa Senra Coutinho e Bruna Tostes de. *Direito à arte é direito de conhecer arte, produzindo arte*. Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa, Juiz de Fora, Minas Gerais, v. 5, n. 8, p. 133-149, fev. 2015

OLIVEIRA, Danielly Passos de; GOMES, Isabel Cristina. *Gênero, adolescência e psicanálise: o impacto das relações*

de gênero na saúde mental de adolescentes na cidade de São Paulo. *Vínculo*, São Paulo , v. 16, n. 2, p. 110-132, dez. 2019.

_____. *Poesias Diversas 2019: Poesias dos alunos E.E. Prof. Leopoldo José de Sant'anna*. São Vicente: Independente, 2019. 128 p. disponível em: POESIAS_DIVERSAS_2019_impressao.pdf (storage.googleapis.com)

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?*. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 28-32. 2018.

ROSA, Miriam Debieux. *Psicanálise, Política e Cultura: A Clínica em face da Dimensão Sociopolítica do Sofrimento / Miriam Debieux Rosa*. -- São Paulo, 2015. 151 f. Tese de Livre-Docência do Departamento de Psicologia Clínica -Instituto de Psicologia apresentado à Universidade de São Paulo.

SCHITTINO, R. T. *A escrita da história e os ensaios biográficos em Hannah Arendt*. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 5, n. 9, p. 38-56, 23 jun. 2012.

SILVA, Ana Cecília Ramos Ferreira da; MESQUITA, Marcos Ribeiro. *Interseccionalidade e participação política: a experiência de mulheres negras jovens feministas*. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo , v. 20, n. 48, p. 339-354, ago. 2020.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em *Psicologia Social*. *Rev. psicol. polít.*, São Paulo , v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017.

SOBROSA, Gênesis Marimar Rodrigues et al. *Perspectivas de futuro*

profissional para jovens provenientes de classes socioeconômicas desfavorecidas. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 22, n. 1, p. 223-234, abr. 2014 .

TAVOLARI, BIANCA et al. *As ocupações de escolas públicas em São Paulo (2015-2016): Entre a posse e o direito à manifestação.* Novos estud. CEBRAP, São Paulo , v. 37, n. 2, p. 291-310, Aug. 2018.

TORRES, Ana Paula Repolês. *O sentido da política e Hannah Arendt.* Trans/Form/Ação, Marília , v. 30, n. 2, p. 235-246, 2007.